

Assentamento ameaça córrego

Renato Alves
Da equipe do **Correio**

Edson Gês



Polição está contaminando água que abastece chácaras da região

A água parada do pequeno lago é disputada. Mulheres, crianças e animais dividem a orla. Uns lavam roupa. A maioria quer se refrescar. Muitos se arriscam a beber o líquido barrento, misturado com sabão, lixo e fezes. Todos moram no assentamento do Recanto das Emas, que abriga cerca de 1.500 famílias que ganharam lotes do Governo do Distrito Federal por meio do Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab). Grande parte chegou em maio, remanejada das invasões do Recanto das Emas e do Saburo Onoyama (Taguatinga).

Essas pessoas receberam um lote, mas vivem sem as mínimas condições de higiene. Seus baracos são de madeirite. Energia elétrica é para poucos. Água encanada não existe. A falta de infra-estrutura do lugar é uma ameaça para o meio ambiente. As minas que abastecem as chácaras vizinhas estão poluídas. O Córrego Monjolo, principal manancial de água daquela região, virou ponto de lazer para os assentados. Aos sábados e domingos, cerca de mil pessoas invadem o lugar, que tem até um boteco, o Bar do Pereira. O resultado é desastroso. Os frequentadores deixam todo tipo de lixo nas trilhas e na água.

Nas semana passada, o Fórum das Organizações não-governamentais (ONGs) Ambientalistas do Distrito Federal e Entorno recebeu 16 denúncias de morado-

res de chácaras do Recanto das Emas. "Uma patrulha ecológica constatou o assoreamento do córrego, grandes erosões nas encostas e esgotamento de minas d'água", afirma o secretário-geral do fórum, João Anolfo Carvalho.

Ele culpa o GDF pela agressão à área de zona ambiental de mananciais. "Esse é um bom exemplo de como não se deve fazer as coisas. Se querem fazer assentamento, façam antes um estudo

do impacto ambiental, sai muito mais barato do que recuperar uma área devastada", pondera Carvalho.

A Fazenda do Senhor Jesus da Comunidade Terapêutica, instalada há oito anos no Recanto das Emas, também sofre danos. O GDF ocupou um terço da área da fazenda, que trata de dependentes químicos. Os moradores jogam animais mortos e todo tipo de lixo no terreno. Também

lavam roupa e tomam banho na mina d'água que abastece a fazenda.

"O maior problema foi a perda de privacidade para tratamento dos residentes. É comum os moradores do assentamento entrarem na nossa área para pedir coisas e pegar frutas", reclama Jonas Lemos, diretor da Sociedade de Recuperação de Vidas Através da Oração e Serviço (Servos), que mantém a fazenda.

Todos os dias, a desempregada Maria Lídia Soares, 35 anos, leva o bebê de sete meses e outros três filhos para tomar banho num dos laguinhas próximos ao assentamento. Ela também utiliza a água para lavar a roupa da família. Tem saudade de quando morava na invasão do Saburo Onoyama. "Lá pelo menos tínhamos latinhas e papéis para catar e vender", diz.

Filha de Maria, Fabiana Soares, 11, teve de abandonar os estudos desde que mudou-se para o assentamento há um mês. Não tem dinheiro para ir à Escola Classe 10, em Taguatinga, onde está matriculada na 2ª série. Como não há vagas nas escolas do Recanto das Emas nem o GDF oferece transporte gratuito, a única opção para os estudantes do assentamento é pegar um dos ônibus clandestinos que os leva para as escolas de Taguatinga. O preço médio da passagem é R\$ 1.

O administrador do Recanto das Emas, Rubens Alves Gomes, disse que as denúncias das ONGs "são levianas". E recusou-se a dar entrevista.